

OS GAFANHOTOS E O "CONFORTO DAS GRANDES CERTEZAS".

A CULTURA DE DIREITA E A VULNERABILIDADE

José Luís Câmara Leme

Universidade Nova de Lisboa | CIUHCT

Há enunciados que são desgraçadamente irónicos quando descontextualizados. A par dos célebres "O trabalho liberta", "O homem, o capital mais precioso" "Em Deus confiamos", no mundo lusófono temos o "conforto das grandes certezas" proferido por Salazar em 1936 aquando das comemorações do décimo aniversário da "Revolução Nacional" de 1926. O conforto a que Salazar se refere é a indiscutibilidade de deus, da pátria, da família, da moral e do trabalho. Poucos anos depois, ao celebrar a revolução de 33, Oswald Spengler resumiu esse conforto na introdução ao livro *Anos Decisivos* com a noção "ideias sem palavras". Para Furio Jesi é justamente nessa noção de "ideias sem palavras" que a cultura de direita tem o seu eixo. Assim, embora os enunciados referidos acima possam *prima facie* espelhar regimes políticos diferentes, o nazismo, o comunismo, o liberalismo americano, e claro está, o fascismo, eles concorrem para uma mesma cultura.

O propósito da minha comunicação é apresentar uma hipótese sobre a forma como a cultura de direita pensa e capitaliza a vulnerabilidade. O exemplo escolhido é a filosofia de Michael Oakeshott. Os gafanhotos referidos no meu título são a imagem que o grande conversador escolheu para caracterizar os ineptos, os indivíduos incapazes, os vulneráveis que precisam de uma política da fé. Depois, a partir da distinção feita por Furio Jesi entre ideia e ideologia, vou apresentar duas obras que oferecem o conforto das grandes certezas a esse universo de pessoas desamparadas, *A Opção Beneditina* de Rod Dreher e *12 Regras para a vida* de Jordan B. Peterson.